

Avaliação: Sentido e Complexidade

MARIA SOCORRO PEREIRA RODRIGUES*

ELÍSIO HOLANDA GUEDES SOBRINHO**

RAIMUNDA MAGALHÃES DA SILVA***

KARLA MARIA CARNEIRO ROLIM****

* Professora Doutora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem Saúde e Quotidiano (GEPESQUES). E-mail: socorro@ufc.br

** Professor de Química. Licenciado pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: elisiog@bol.com.br

*** Professora Doutora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde da Mulher e Cotidiano. E-mail: rmsilva@ufc.br

****Enfª assistencial da Unidade Neonatal da MEAC/UFC. Mestranda em Enfermagem Clínico-cirúrgica - DENF/UFC. Membro Projeto Saúde do Binômio Mãe/Filho, UFC. Bolsista FUNCAP. E-mail: karlarolim@secrel.com.br

Recebimento: 22 de julho de 2003

Aprovação: 20 de novembro de 2003

Resumo: Aborda a qualidade da avaliação, com ênfase no ato de pensar, sentir e agir. Enfatiza a complexidade e o emprego de métodos e técnicas, assim como méritos e conseqüências de uma determinada abordagem avaliativa. Discute padrões, critérios, normas, indicadores e sua ênfase filosófica, assim como o sentido e objetivo da avaliação, voltados para a detecção de obstáculos ao sucesso, proposta de alternativas de mudanças para a solução de problemas, visando à melhoria dos resultados. Destaca as dimensões formativas da avaliação na perspectiva do aprimoramento humano, direcionada para o crescimento e desenvolvimento, tanto do avaliado quanto do avaliador.

Palavras - Chaves: Avaliação; complexidade; avaliador; avaliando.

Abstract: The purpose of this work is to approach the quality of evaluation, with an emphasis on thinking, feeling and acting. It emphasizes the complexity and the application of methods and techniques, as well as the merit and consequence of a given evaluation approach. It discusses standards, criteria, norms, indicators and its philosophical emphasis, as well as the sense and the purpose of evaluation, aimed at detecting the obstacles to success, proposals of alternatives for changes and solutions of problems, aiming at achieving better results. It points out evaluation's formative dimensions in the perspective of human improvement, growth and development, both of the evaluator and of the evaluated.

Keywords: Evaluation; Complexity; Evaluator; Evaluated.

1 Introdução

O sentido impresso em algo está quase sempre conectado a processos mentais e talvez cada um não consiga, por si próprio, identificar os verdadeiros liames entre o concreto e o abstrato daquele sentido que é atribuído. Poderá advir de lembranças resultadas de experiências que vieram inspirar aquele sentido, corro-

borado por conjecturas mentais, culturais ou de alguma revelação percebida momentaneamente. O sentido do canto de um pássaro poderá ser diverso para diferentes pessoas. Esse poderá receber influência de uma série de fatores intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo. Entretanto, ele terá sempre um peso, um valor, um efeito, um sentido determinado pelos sentimentos e determinante para a atitude que assumirá a pessoa perante um fato. O essencial do fato já há de estar internalizado, influenciado em muito pelo conhecimento que tem a pessoa sobre aquele acontecimento.

A característica das coisas, seus contornos, sua formatação, a maneira como se apresentam colaboram para o sentido. O sentido que é dado a algo, a forma de pensar e de agir de um indivíduo em relação a um objeto estarão associados, quase sempre à ideologia e às representações do indivíduo sobre o objeto. O sentido ético e estético de um objeto é alvo de interferência das leis filosóficas e estruturais inerentes a ele; o espaço que lhe reservado, no qual o mesmo é percebido e assimilado, lhe imporá a forma de postar-se e de ser visto no seu universo. O sentido expressado por um dado objeto, em coerência e harmoniosidade, poderá estar na dependência dessas diversas circunstâncias.

Assim, filosofia, objetivos, eficácia de métodos e de técnicas deverão voltar-se para a essência do que se busca atingir. O objeto deve ser definido da forma mais integral possível, a fim de que se possa fazer determinações sobre caminhos e metas. A real consciência sobre o sentido de um objeto, em toda sua amplitude, abrangerá certamente as várias vertentes e perspectivas, sejam sensíveis ou não, correlacionados a objeto e a indivíduo.

Ao se estabelecer, portanto, planos de ação voltados para a avaliação de um determinado programa, é necessário que se esteja consciente dos vários aspectos objetivos e subjetivos a ela inerentes. Poderá ter início com o seu enfoque filosófico, a fim de se definir o nível de abrangência e coerência do programa de avaliações e garantir interconexão dos métodos e estratégias a selecionar para serem trabalhados. Para tais elementos, mesmo já tendo sido objeto de avaliações essas, devem enfatizar a verificação das congruências, eficácia e objetividade, das diversas ferramentas, susceptíveis de serem influenciadas pelo curso das mudanças sociais.

O sistema de avaliação deve incluir a meta educacional, princípios e normas adotados na avaliação, os quais constituem componente importante no quadro de referências de uma escola. Segundo Vasconcelos (1998, p.47), o sentido maior da avaliação é *avaliar para que os alunos aprendam mais e melhor*. Isto deixa implícito o fato de que há necessidade de uma atuação interativa, a fim de que o professor possa seguramente ajudar o aluno a compreender o mundo e nele intervir, no sentido de adquirir o conhecimento científico, estético e filosófico, que o levará a transformar-se em um cidadão, sujeito reflexivo e participativo, a partir

de uma formação integral, segundo a concepção dialética da educação. Refere o mesmo autor que, numa perspectiva transformadora, espera-se que com os resultados de uma avaliação se estabeleça um diagnóstico, para a partir da sua análise, se possa verificar a necessidade de intervir na realidade do aluno para ajudá-lo a superar dificuldades.

Neste sentido, considera-se que os educadores conheçam o conteúdo, a forma e a importância do quê e como algo está sendo examinado, para efeito de uma avaliação, assim como os benefícios para o sistema de ensino. É preciso estar-se atento para o fato de que as mudanças profundas se processam lentamente, mas devem ser planejadas para que aconteçam em um ambiente de harmonia, a fim de que produzam, sempre, conseqüências agradáveis, (BERMAN, 1975).

É fundamental o entendimento de que o ser humano deve ser, invariavelmente, considerado a partir de suas qualidades intelectuais e emocionais, ou seja, como um ser holístico, integral, em sua totalidade. Seus valores, suas crenças, sua forma de relacionar-se precisam ser enfatizados de tal forma que ele sinta a importância do que está sendo trabalhado.

Critérios e normas de avaliação podem ser definidos como um conjunto de valores que a normatizam. Dizem respeito a indicadores determinativos da forma de realizar a avaliação e devem ser estabelecidos pelas instituições através de cada regimento. Abrangem aspectos quantitativos -escores- e qualitativos -padrões- (SANT'ANA, 1995).

Muitos são os fatores que podem produzir interferência quando se trata de avaliar pessoas, em especial quando está em questão o aspecto qualitativo, uma vez que as pessoas possuem especificidades particulares, próprias a cada ser humano, sendo impossível esperar-se encontrar duas pessoas idênticas, com características de desempenho similar. Ao mesmo tempo, do padrão de percepção intrínseco a cada determinado avaliador, poderão decorrer possíveis *vieses*, circunstância essa necessária de ser submetida a um certo controle.

A valorização dada a aspectos *a* ou *b* é outra questão que muitas vezes demanda polêmicas. Seja, por exemplo, o fato de pessoa *x* possuir maior componente de empatia ao comunicar-se do que pessoa *y* que tem maior potencial para o estudo da lógica. Esta particularidade poderá trazer impasses quando mais de um avaliador executam trabalho de avaliação. Assim, o estabelecimento de critérios em um sistema de avaliação constitui uma questão com tênues patamares entre seus limites, necessitando, portanto de exaustivas discussões, a fim de que se evitem lacunas e dúvidas entre as partes envolvidas.

Dos objetivos da avaliação dependerão as estratégias a serem utilizadas.

2 O Objeto em Estudo

2.1 A avaliação como processo sistemático e integral

A avaliação pode ser considerada um sistema, visto que deve ser integrada e organizada de um conjunto de partes, que visa a tornar a aprendizagem mais efetiva (UFRGS, 1977). Ensinam Sacristán e Gomez (1998 p. 298), que *avaliar se refere a qualquer processo por meio do qual alguma ou várias características de um aluno/a de um grupo de estudantes, de um ambiente educativo, de objetivos educativos, de materiais, professores/as, programas, etc., recebem a atenção de quem avalia, analisam-se e valorizam-se suas características e condições em função de alguns critérios ou pontos de referência para emitir um julgamento que seja relevante para a educação*. Corresponde, portanto, a um conjunto de ações organizadas e sistemáticas, realizadas para se conhecer o crescimento de um determinado programa. Ao mesmo tempo, deve ser reforçada em sua continuidade. A avaliação pode ser considerada um processo *continuum* que visa a interpretar conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos. Essa deve ser utilizada, também, para detectar problemas e obstáculos, para fazer modificações e prevenção de erros, o que implica coleta e armazenamento de informações, que devem ser discutidas tanto com o pessoal que realiza o trabalho como com os dirigentes, os que tomam as decisões, e com aqueles que patrocinam o processo. Visa sempre a mudanças no comportamento, e tem a finalidade de buscar o conhecimento do nível de crescimento e de alcance dos objetivos; identificar resultados positivos, limitações e obstáculos que estejam impedindo um maior avanço e, finalmente, tomar decisões sobre modificações ou mudanças a serem adotadas, no sentido de serem melhorados os resultados (OPAS/OMS, 1990).

Conforme Sant'Anna (1995), a Lei nº. 5692/71 determina que a avaliação deve ser realizada de forma sistemática, contínua e integral. Deverá estar sempre relacionada com os objetivos propostos no processo educacional, de forma a identificar o nível de atendimento dos objetivos pré-definidos. A avaliação deve abranger, necessariamente, dois propósitos essenciais: estar voltado para a constatação do nível de alcance dos objetivos propostos e o crescimento progressivo do aluno em sua individualidade.

Demo (1999), ao abordar o aspecto da qualidade na avaliação, destaca a qualidade formal, abrangendo tecnologia na seleção e montagem de instrumentos, e a qualidade política, referente à finalidade e ao conteúdo da avaliação, relativas ao viver humano em seu relacionamento com a natureza.

2.2 Critérios considerados na avaliação

Os critérios a serem utilizados por parte dos responsáveis pelas diferentes disciplinas curriculares devem estar inseridos no Regimento de cada Escola. A

avaliação deve abranger o conteúdo teórico-científico que foi ensinado, assim como atitudes e convicções. Tanto os critérios adotados pela Instituição quanto os princípios gerais que norteiam o planejamento e o currículo devem ser conhecidos pelo professor. O conjunto de princípios e critérios que normalizam a avaliação quando têm em vista o aspecto da quantidade, ao ser utilizada como controle da aprendizagem, podem ser expressos por números ou símbolos (percentagem, números). Ao se referir a padrões que avaliam comportamentos sócio-emocionais, reportando-se aos objetivos educacionais, devem estar em forma de descrições de níveis de rendimento (clareza, objetividade, precisão, assiduidade e outros). Podem estar relacionados também a tempo, quando é o caso de se desejar o perfil a ser avaliado, tendo em vista o tempo, por exemplo: responder corretamente em X minutos ou outra forma.

É óbvio que dos objetivos da avaliação dependerão as estratégias a serem utilizadas. Mas há de ser sempre um momento criativo, de crescimento, reflexão, participação e de mudanças.

2.3 Forma e Processo utilizados na avaliação

O modelo educacional nem sempre fica atento para considerar o aluno em toda a sua complexidade e integralidade, tendendo a considerá-lo incompetente quando esse oferece resistência a certas adaptações esdrúxulas à sua natureza. Determinados tipos de testes trazem embutidos em si uma verdadeira camisa de força, não respeitando padrões e especificidades próprias. Por exemplo, o coeficiente de inteligência de cada pessoa não estimula à reflexão, à arte de expandir sua criatividade, tendendo a levá-lo a decoreba e à repetição de informações, de hábitos e comportamentos, em vez de procurar levá-lo a um exercício de interiorização e de enfrentamento das próprias limitações e dificuldades.

O modelo pedagógico educacional pouco tem contribuído para reordenar a distribuição social das pessoas, o que vem mostrando que, com raras exceções, os considerados “bons”, “médios” e “inferiores” no início de um processo de aprendizagem tendem a permanecer na mesma posição, ao seu final.

O processo pedagógico não tem conseguido interferir na dinâmica da transformação das classes sociais, considerando os aspectos dos atos de **pensar, sentir e agir**, sobre um modelo social também chamado de dominante ou liberal conservador, de contexto similar ao que serviu de estopim para as ações que culminaram, por exemplo, na Revolução Francesa. Os “mais aptos” tendem a permanecer sempre mais aptos e detentores das melhores oportunidades e os “menos aptos” têm que se contentar com as oportunidades de menor destaque. Deve contextualizar o que refere Morin (1997), como um trabalho ao mesmo tempo de autodestruição e autocriação, de onde deve emergir um novo ser, entretanto com a mesma identidade.

É importante utilizar meios de avaliação que possibilitem verificar as preferências do indivíduo pela complexidade e a sua aptidão no enfrentamento do “caos”, no que ficam contextualizados os dilemas e as catástrofes de sua época. Devem ser organizadas atividades que favoreçam determinar como o indivíduo está aprendendo a estruturar idéias, inclusive no que se refere aos sentimentos que acompanham a eclosão de uma idéia, na perspectiva da *ética da solidariedade, do pensamento complexo, aquele que pratica o abraço* (MORIN, 1997: 11).

Importante é também se atentar para os valores que são elementos de grande significado emocional, inerentes à existência humana. *São injunções aprendidas que uma vez interiorizadas forçam o comportamento humano em direções específicas... Influenciam a escolha entre modos, meios e finalidades de ações disponíveis* (Berman, 1975: 168). A presença de um determinado valor é indicada através do comportamento do indivíduo, que pode ser representativo da principal fonte de “energia” de uma sociedade, formata as grandes instituições sociais, ao mesmo tempo em que fornece as bases motivadoras ou restritivas do comportamento humano. Neste contexto, um importante fator a ser considerado é o respeito ao eu interiorizado dos outros.

A avaliação envolve, ao mesmo tempo, aspectos intelectuais, éticos e emocionais, valendo ainda destacar que, muitas vezes, coisas que no passado eram certas e seguras, hoje nos parecem erros e ilusões, da mesma forma que o que hoje temos por certo e seguro, no futuro, poderá ser visto como erro e ilusão (MORIN, 1997).

O professor precisa estar atento ao fato de que o homem é consciente e senhor de si e da máquina, deve ser educado para sentir e decidir, ao contrário da máquina, que pode ser programada para funções determinadas e é desprovida de sentimentos e de emoções.

2.4 Funções da avaliação

Dentre as várias funções da avaliação se destacam: 1) a função **diagnóstica**, que em geral visa a determinar um nível dentro de um patamar determinado, uma classe ou categoria, traça uma perspectiva do ponto que deverá ser atingido. É a forma mais adequada para fugir-se do autoritarismo e conservadorismo da avaliação, funciona com base na identificação de novos direcionamentos, como instrumento dialético de avanços. É fundamental para auxiliar o aluno no seu processo de competência e de crescimento para a autonomia; 2) a função **de controle** está inserida na chamada **avaliação somativa** e intenta, segundo um patamar de crescimento conforme um definido padrão, realizar um acompanhamento da evolução do impacto, estabelecido em geral em termos de tempo. Julga e classifica conforme os níveis de aproveitamento; 3) a função **de classificação** é um processo estático; visa a determinar o nível conforme uma escala **x ou y**. Limita-se a clas-

sificar, não auxilia o avanço e o crescimento, subtrai da prática da avaliação a obrigatoriedade da tomada de decisão para a ação. Constitui uma visão estigmatizante para o aluno; 4) a **avaliação formativa**, utilizada ao longo do ensino-aprendizagem, tendo em vista a *feedback* ao professor e ao aluno, sobre deficiências e limites no rendimento. Deve favorecer a detecção das deficiências, a fim de ser possibilitada a recuperação do conhecimento, do autodesenvolvimento, a liberdade e a autonomia para aprender.

2.5 Contextualização e dimensões da avaliação

Quando a avaliação é situada no contexto de **emancipatória**, com o caráter libertador, caracteriza-se como processo que visa a descrever, analisar e criticar uma dada realidade, com a intenção de transformá-la. Pode ter por objetivos básicos definir as bases necessárias para a transformação e promover a autodeterminação. É um modelo de avaliação que se volta para uma óptica de abordagem qualitativa.

A interconexão dos níveis de aprendizagem na avaliação constitui um fator a que o professor precisa estar sempre atento, visto que a pessoa humana não é um ser acabado, a sua formação integral é também contínua, concomitante ao seu caminhar no mundo. Para uma evolução equilibrada dessa construção de conhecimento, necessita que o professor tenha em vista, em todas as circunstâncias e oportunidades, as dimensões cognitiva, sócio-afetiva e psicomotora, a fim de ajudar o aluno a tornar-se plenamente preparado para enfrentar qualquer situação-problema. A pessoa humana frente a uma eventualidade de avaliação deve, portanto, ser considerada sempre, segundo **as dimensões formativas**, que se interconectam, e segundo Vasconcelos (1998), envolvem aquelas delineadas a seguir.

1) A **dimensão cognitiva** - refere-se aos conhecimentos e habilidades intelectuais, abrangendo:

- o conhecimento; compreensão; análise; síntese; aplicação; seleção e estruturação dos conhecimentos; aprendizagem significativa: transmissão do saber aliada ao desenvolvimento do raciocínio, criticidade, criatividade; capacidade de resolver problemas, de enfrentar situações novas, transferindo conhecimentos adquiridos; revisão; simulado; aulas especiais;

2) A **dimensão sócio-afetiva** - envolve, valores, motivações, afeto, relacionamentos. que abrange:

- motivação (saber o que quer); segurança e autoconfiança; equilíbrio emocional; saber enfrentar dificuldades; concentração; autoconceito positivo; convivência em ambiente acolhedor, amigo, personalizado; orientação educacional; hábito de estudo; orientação profissional; desmistificação de provas; avaliação como fator de crescimento e não de perigo;

3) A **dimensão psicomotora** - refere-se às condições físicas do indivíduo em situação de avaliação e enfatizam:

· controle motor; postura física; alimentação; resistência física; educação física; orientação de hábitos de saúde; esportes.

Situada no âmbito da avaliação, deve estar também a instituição propriamente dita (direção, currículo, livro didático).

A avaliação institucional pode ser referida como 'garantia de qualidade'. Há de partir do posicionamento da instituição frente à sociedade, a contribuição dela para o progresso, quanto aos métodos utilizados, o uso dos conceitos e quanto à própria política adotada com os recursos humanos. A auto-avaliação institucional, tendo em vista a viabilidade de seu projeto político-pedagógico, é sem dúvidas de grande importância e deve ser conduzida de forma sistêmica e integral.

2.6 Técnicas de Avaliação

As técnicas de avaliação devem favorecer o conhecimento de uma determinada realidade psicológica, social ou material (Sacristán & Gómez, 1998). Os instrumentos a serem utilizados na avaliação, seja um pré-teste, uma auto-avaliação, uma observação, um relatório, ou qualquer outro, devem estar concatenados e voltados sempre para o objetivo da avaliação e para a forma como essa vai ser desenvolvida. Deve ser registrada e documentada, em formato que possibilite colaborar e facilitar o processo. Para tanto, é recomendada por Diógenes et al (2000: 116) *a utilização de práticas pedagógicas nas quais aluno e professor sejam responsáveis por indagar, questionar, investigar, debater, discernir, propor caminhos de soluções, avaliar na prática, na medida em que exercitam as funções de criação, conservação e transmissão da cultura.*

O resultado de uma avaliação poderá trazer o indicativo de renovação de um programa ou modificá-lo, ampliá-lo, restringi-lo, aumentar o número de profissionais envolvidos, melhorar os equipamentos etc.

3 A Complexidade do Ato de Avaliar

A avaliação, quando se refere à pessoa humana particularmente, se reveste de uma susceptibilidade quase impalpável, seu objeto se transforma no ser tecido pelo criador do universo, um ser quase místico, que merece o mais puro respeito ao seu tratamento. Um ser que deve ser apreciado em toda sua totalidade não pode ser fragmentado. Terá que ser ajudado no seu contexto integral e indivisível, em um exercício do mais profundo respeito, a um ser tecido com uma matéria original, única, própria, inconfundível ao seu criador supremo e infalível. Será então medido, estimado em seu potencial por um semelhante seu, também frágil e falível, com a função e o preparo para apreciar, aconselhar, orientar, recomendar

reformas naquilo que, ao seu ver, poderá ser aperfeiçoado; um ser, enfim, dotado de sentimentos e reações e capacidades para tomar decisões, as quais podem ser aperfeiçoadas ao longo da vida, na presença de outro, que poderá julgar e avaliar seus atos e reações.

A ação de avaliar, entretanto, vai sem dúvidas desencadear sentimentos e reflexões de cunho pessoal e coletivo. O indivíduo submetido a uma avaliação pode considerar-se, por vezes, um ser acabado, estruturado à sua medida, não podendo, portanto ser comparado, visto que ele se considera único. É neste contexto de auto-envolvimento que ele, via de regra, tenta compreender o resultado e as circunstâncias de uma avaliação. Deste entendimento quase sempre, dependerão as suas ações e reações concernentes à avaliação. Poderão advir daí sentimentos de não se sentir suficientemente compreendido pelo avaliador, de estar faltando uma dosagem de benevolência, merecida por ele.

Vale salientar que o estado de envolvimento do qual fica possuído o indivíduo, e pelo fato de ser, via de regra, uma pessoa menos experiente do que o avaliador, nem sempre conseguirá compreender o contexto mais integral do processo. Dificilmente estará apto a entender que também o avaliador é possuidor de limitações, tem chances relativas de erros, mas está preparado e trabalha baseado em padrões de competências, elaborados segundo determinados componentes teóricos e práticos, estabelecidos segundo comprovações em pesquisas.

Mas será justamente nesta contextualização dos fatos que uma pessoa ao ser avaliada poderá reagir, podendo daí ser desencadeados sentimentos e reações, que devem ser vislumbrados pelo pesquisador, uma vez que a avaliação deve constituir, antes, um benefício e não um trauma ou dificuldade a ser trabalhada. Cada um tem a maneira própria de reagir, mas precisa aprender a melhor maneira de lidar com as situações-problema. Todos nós quando somos expostos a danos emocionais e não aprendemos a lidar com os fatos que os provocam, de uma maneira aberta e livre, tendemos a evitá-los em situações futuras, o que poderá nos levar a fugas de situações benéficas. E, assim, o que deveria constituir um bem, um aprendizado, poderá resultar em um prejuízo, em um trauma, uma dificuldade que tenderá a prejudicar a pessoa em outras oportunidades que guardem semelhança com a vivenciada.

Será a partir de situações bem ou malsucedidas, que os indivíduos mediarão as atitudes com as quais direcionarão suas vidas, as quais tenderão a se transformar em valores que, sem nenhuma dúvida, muito contribuirão para a formação do caráter do indivíduo, cujas atitudes determinarão o tipo de cidadão que estará aí formatando a sociedade. Vale lembrar, conforme adverte Morin (2001), da idéia

**A avaliação envolve,
ao mesmo tempo,
aspectos
intelectuais, éticos,
emocionais...**

de que “o conhecimento é uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro”.

É justamente no aspecto das suscetibilidades humanas que reside o sutil trabalho de garantir o sucesso de uma avaliação, na junção do racional e do sensível, isto é, tornar o processo objetivo e concreto, sem, entretanto desumanizá-lo, mantê-lo conectado ao aspecto emocional. É importante descobrir-se à estratégia adequada para avaliar sem provocar marcas, uma vez que a avaliação deve representar construção. Deverá, sempre que possível, ser sutil como a bruma, transparecer aquilo que deve ser, um ato espontâneo, inserido na aprendizagem, prazeroso, portanto, sem deixar mágoas. Deverá constituir um processo através do qual transpareça toda a intenção de um ato motivador para o crescimento. A grandeza desse momento é composta também pelo entendimento que tiver o avaliado da importância de sua participação consciente, e da finalidade e honestidade a que todos deverão estar imbuídos neste ato. Essas devem ser apresentadas pelo avaliador, mas sem pujanças, sem ares de superioridade, antes, com honestidade e a sabedoria tranqüila de quem já adquiriu a experiência, que ainda está faltando naquele outro. Uma situação de paz neste percurso é da mais justa necessidade. Um crescimento doloroso não é um crescimento integral, torna-se permeado de perdas e até de incertezas. A preparação precoce e contínua, tanto da pessoa que vai ser avaliada quanto da que avalia, torna-se um ponto que validará o aspecto subjetivo e psicológico da avaliação.

Também o nível de ansiedade que poderá gerar esse momento dependerá sempre da forma como o processo for conduzido; não deverá parecer necessitar de medidas de autopreservação ou de perigo iminente, um momento em que se medem forças, mas sim um instante entre semelhantes, no qual alguém está sendo apreciado em sua performance para um objetivo determinado. Constituirá, certamente, sempre ocasião de desafio, mas um desafio criativo, que não necessariamente se pareça com o esforço de quem escala uma montanha, com enorme risco de cair das alturas. O sentimento de desamparo não deve estar presente nesta situação, mas sim um sentimento que represente tenacidade e desejo de vitória. O espírito de competição entre alunos pode ser benéfico, mas, ao mesmo tempo, deve ser mediado a fim de que não se estabeleça um clima de disputa acirrada e, portanto prejudicial a todos. Segundo Morin (2001: 55), “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”.

3.1 Enfocando a perspectiva do avaliado

Em qualquer circunstância que aconteça a avaliação, jamais deverá comprometer a auto-estima do avaliado. Esta constitui um aspecto do qual devem ser

conhecedores tanto o avaliado quanto quem avalia. Um fator que muito contribui para a manutenção de um ambiente harmonioso e com um mínimo de ansiedade reside na prévia clareza das regras, assim como da consciência que deve ter o avaliado sobre suas condições de sucesso, a sua provável margem de erros e acertos, o que ele estabelece a partir do seu nível de conhecimento sobre o assunto em foco. Esse processo deve ser construído e dialogado entre avaliado e avaliador, e com permanente discussão, visando à melhor e maior aprendizagem para ambos.

Um trauma por uma avaliação pouco consensual entre as partes poderá trazer repercussões bastante desagradáveis, em especial para a pessoa que é submetida, visto que o sentimento de injustiça e desvalia leva a uma baixa na auto-estima, desestímulo e, conseqüentemente, perdas desnecessárias à vida da pessoa.

No caso de isso acontecer, deve haver um trabalho no qual a família é uma peça fundamental, juntamente com outras pessoas envolvidas. O avaliado deve ser orientado a preparar-se o melhor possível, em uma nova oportunidade, a fim de ter um desempenho mais auspicioso em uma ocasião futura e, dessa forma, possa substituir aquele sentimento desagradável por um outro de vitória e sucesso.

O papel da avaliação educacional escolar deve estar voltado para o crescimento.

3.2 Considerando a perspectiva do avaliador

Considerando-se a complexidade do ser humano e do mundo e que nenhuma pessoa é um ser acabado, também o avaliador deverá passar por questionamentos internos e externos, a fim de detectar o que poderia ter sido diferente naquele processo, a fim de que pudesse ter evitado os constrangimentos. Essas questões poderão passar, por exemplo, pelo seguinte contexto: que tipo de avaliação vem sendo praticado, no cotidiano com aquele aluno? A sistemática (ritual, freqüência das avaliações, formas, tipos de questão, escolhas dadas ao aluno, critérios da avaliação, solicitação excessiva da participação dos pais) adotada para as avaliações estaria adequada? Que tipo de orientação teórico-filosófica paira sobre a avaliação, em seu sentido genérico? Como está redimensionado o conteúdo? O cunho reflexivo, relacional e compreensivo da avaliação estaria sendo superado pelo decorativo? A avaliação sócio-afetiva (atitudes, valores, interesses, esforços, participação, comportamento, relacionamento, criatividade, iniciativa), estaria sendo vinculada à nota? Qual estará sendo a postura do professor diante dos resultados da avaliação? A ênfase no aspecto classificatório não estaria excedendo ao necessário?

Sem dúvidas, evitando-se qualquer constrangimento, mantendo o respeito à sensibilidade e ao conhecimento do professor, cuja competência é construída ao longo de seus estudos e experiência, é sempre importante lembrar-se de que qualquer situação de ensino deve visar, prioritariamente, à valorização do indivíduo, tanto daquele que ensina quanto daquele que aprende. Considera-se, ainda, que ambos aprendem e ambos ensinam e, assim, participam da construção do conhecimento para a vida.

4. Considerações Finais

A avaliação deve ser feita, portanto, seguindo parâmetros acessíveis à compreensão do aluno, contemplando fatos que tenham sido significativos para ele ou assuntos que tenham despertado seu interesse. É importante que o aluno se sinta valorizado e envolvido pelo processo, que deve ter em vista elevar sua auto-estima. Deve ser encaminhada de forma a contribuir para aumentar sua segurança e, ao mesmo tempo, servir de motivação para que ele invista em seu crescimento, se sinta estimulado à prática da ação reflexiva. Deve procurar ajudar o aluno a moldar suas idéias, suas opiniões e sua visão crítica.

O papel da avaliação educacional escolar deve estar voltado para o **crescimento**, e ser transparente como prática dialética de crescimento, preocupada com uma clara identificação da natureza dos caminhos a serem percorridos e daqueles a serem perseguidos, tendo em vista o progresso social e não a conservação de atitudes estreitas e submissas, definindo rumos na ação pedagógica, redirecionando caminhos segundo um modelo socializante e democrático.

A complexidade da avaliação está na razão direta da especificidade do elemento que deve ser avaliado em relação à diversidade do conjunto de regras, padrões, valores e postulados utilizados na sistemática estabelecida, sob a perspectiva de uma série de tendências do pensamento educativo, o que advém das experiências vivenciadas pelo educador. Implica, portanto, uma diversidade de ideologias, de técnicas e procedimentos que podem influenciar na trajetória.

5. Referências Bibliográficas

- BERMAN, L.M. **Novas prioridades para o currículo**. Porto Alegre: Globo, 1975.
- DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Abertura. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C. **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD/ OMS. **Evaluación para el planeamiento de programas de educación para la salud**. Washington, 1990. (Série Paltex, No. 18)
- SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e Instrumentos**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, P. A. I. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- DIÓGENES, M. A. et al. Avaliando a disciplina de enfermagem na comunidade: ensaio de uma abordagem emancipatória. In: SILVA, R.M.; BARROSO, M. G.; VARELA, Z. M. **Ensino na universidade**, integrando graduação e pós-graduação. Fortaleza: Pós-Graduação. DENF/UFC/FFOE/FCPC, 2000
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Educação Laboratório de Ensino Superior. **Planejamento e organização do ensino**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.
- VASCONCELOS, C. S. **Avaliação dialética–libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1998 (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v.3) 1998.